

O indígena brasileiro na revista *Realidade*¹

Mônica KASEKER²

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Resumo

Neste artigo, propõe-se uma reflexão sobre a representação do indígena brasileiro na revista *Realidade*, em especial em seu primeiro ano de existência, em 1966. O corpus é composto por duas reportagens que têm como pano de fundo a ditadura militar no período que precede o AI-5. Busca-se identificar os sentidos e as vozes que operam no discurso jornalístico sobre o indígena, em um veículo que se tornou referência daquele período. Conclui-se que as reportagens utilizam estereótipos do indígena como bom selvagem puro e ingênuo e que o processo de edição constrói uma narrativa, em primeiro plano, que favorece o projeto de realocação de comunidades indígenas para o Parque Nacional do Xingu, “o paraíso”, embora os textos explorem os dilemas e dramas vividos pelos personagens frente à convivência com os não indígenas e a resistência pelo território.

Palavras-chave: Revista *Realidade*; representação; indígenas brasileiros.

O indígena brasileiro e sua representação

Historicamente, os povos indígenas brasileiros foram representados e descritos por não indígenas, desde a Carta de Pero Vaz de Caminha à Coroa Portuguesa, às pinturas produzidas em expedições estrangeiras de exploração ao território, posteriormente pelas narrativas da imprensa e da literatura e, mais recentemente, pelas produções audiovisuais. Segundo Cunha (2009), no século XVI, “os índios eram ou bons selvagens para uso na filosofia moral europeia, ou abomináveis antropófagos para uso na colônia.” Ainda convenientemente ao olhar etnocentrista, no século XIX, eram considerados símbolos nobres do Brasil independente quando extintos, mas quando em carne e osso, “os ferozes obstáculos à penetração que convinha precisamente extinguir”. Embora as imagens divulgadas sobre os indígenas na mídia em geral, e mesmo nos livros didáticos, conforme aponta Moncau (2012), reforcem e perpetuem a ideia de “um indígena amazônico, genérico – e com terra. Soma-se a essa imagem a noção de indígena primitivista, um povo que ficou parado no tempo. O indígena, para muitos,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Sociologia, professora do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR), e-mail: mkaseker@gmail.com.br.

ainda é aquele que avistou as caravelas de Cabral, em 1500.” O Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), aponta que 817 mil pessoas se autodeclararam indígenas no Brasil, representando um total de 0,4% da população. São 305 etnias e 274 línguas indígenas espalhadas pelo território nacional.

Neste artigo, propõe-se uma reflexão sobre a representação do indígena brasileiro no primeiro ano da revista *Realidade*, em 1966. O corpus é composto por duas reportagens que têm como pano de fundo a ditadura militar no período que precede o AI-5, consideradas aqui como uma narrativa. A análise se desdobra nos seguintes movimentos: recomposição do acontecimento, identificação dos conflitos, construção dos personagens, estratégias discursivas para a construção de efeitos de real e efeitos poéticos, contrato comunicativo estabelecido com o leitor e metanarrativas. (MOTTA, 2010)

Revista Realidade

Depois do lançamento em novembro de 1965, a revista *Realidade* passou a circular periodicamente a partir de abril de 1966, em pleno período de ditadura militar no Brasil. Por 10 anos, a *Realidade* produziu grandes reportagens, enquanto o país passava por transformações, entre elas as ditadas pela promulgação dos Atos Institucionais, que foram 17 ao todo (VIEIRA; LEITE, 2014). Alguns autores apontam que a revista teve três fases, mas com destaque para os seus primeiros anos: “a primeira fase, a chamada fase áurea, é a que ficou para a História. Para alguns, *Realidade* teve apenas uma fase, que durou de fins de 1965, na preparação dos números zero (houve pelo menos dois zeros), até dezembro de 1968” (MARÃO, 2010, p. 36).

Desde a primeira edição, a revista apresentava uma proposta diferente, baseada no jornalismo em profundidade, utilizando textos longos e completos, com destaque ao fotojornalismo. Por tudo isso, tornou-se um fenômeno editorial. Segundo Oliveira, “alcançou no primeiro semestre de publicação a marca histórica de um milhão e meio de leitores. Entre 1966 e 1973 recebeu nove Prêmios Esso.” (2011, p.5) Produziu edições temáticas que se destacavam pelo esforço de apuração, investigação e pela quebra de tabus. Em março de 1976, a revista não resistiu à pressão do governo militar e publicou o último exemplar. Para Faro, a *Realidade* é um modelo de vinculação entre a produção do texto jornalístico e o conjunto das manifestações políticas e culturais vividas naquele período. (FARO, 1999,) O corpus analisado neste artigo se refere à primeira fase.

A abordagem da questão indígena no primeiro ano da Realidade

Durante o primeiro ano da revista *Realidade*, a questão indígena foi tema de reportagens duas vezes. A primeira, em agosto de 1966, com o título *Indinho brinca de índio*, de 13 páginas, com a chamada de capa: *Índios - assim nasce um guerreiro*. A segunda, em dezembro do mesmo ano, com 18 páginas, intitulava-se *Resgate de uma tribo*, cuja chamada na capa foi *Amazônia: um povo a salvo*. As duas foram produzidas pelo repórter Carlos Azevedo, com viagens viabilizadas pelos irmãos Villas-Bôas.

Cabe aqui apresentar algumas informações de contexto. Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Bôas haviam se alistado desde o início dos anos 1940 nas expedições ao Xingu, que integravam o projeto da Marcha para o Oeste, empreendido pelo então presidente Getúlio Vargas, que visava estender a presença do Estado ao Centro-Oeste e Norte do país (RIBEIRO, 2012). Como as caravanas eram direcionadas a trabalhadores braçais, para abrir caminhos e ocupar terras, os irmãos, de origem na classe média, teriam se disfarçado com roupas velhas e sujas para conseguirem ser aceitos pelos recrutadores. Durante quase 30 anos de trabalho nas regiões envolvidas neste projeto de integração nacional, os irmãos Villas-Bôas participaram da fundação de cidades, abertura de estradas e criação do Parque Nacional do Xingu, em 1961, durante o governo de Jânio Quadros. Em 1966, portanto, quando foram produzidas as duas reportagens, os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Bôas dirigiam o Parque Nacional do Xingu (ALMANAQUE SOCIOAMBIENTAL, 2011).

Todas essas informações serão importantes para a análise das reportagens da *Realidade*. Como bem sintetiza Benetti (2010, p.107), o jornalismo é um discurso, um lugar de circulação e de produção de sentidos: dialógico, polifônico, opaco, elaborado segundo condições de produção e, ao mesmo tempo que produz sentidos, é resultado destes. A interdiscursividade e intersubjetividade intrínsecas ao discurso tornam necessário compreendê-lo como algo subordinado aos enquadramentos sociais, culturais e históricos. É preciso considerar os processos de constituição de linguagem e da ideologia para perceber como se dá a constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intradiscurso), assim como os efeitos imaginários. (ORLANDI, 1994, p. 56)

As reportagens são consideradas também narrativas. Segundo Genette, a narrativa é uma forma particular de discurso que possui restrições e exclusões, como a recusa do presente, da primeira pessoa. O discurso pode “narrar” sem deixar de ser

discurso. Na narrativa, existe uma relação entre o tempo do acontecimento e o tempo da narrativa, recapitulam-se experiências passadas através de uma sequência verbal de orações que correspondem à sequência de acontecimentos ocorridos no mundo real. (cit por SILVA, 2007, p. 52)

Como a identidade indígena transita entre as esferas da tradição, tentando recuperar a pureza anterior, e da tradução, na medida em que está sujeita a atualizações no plano da história, da política, da representação e da diferença, torna-se relevante a reflexão sobre como essas representações são construídas, considerando que vão reverberar no imaginário social e na revisão dos próprios sistemas de referência que estão a todo momento reconstruindo e reconfigurando as identidades culturais.

[...] as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares “fechados” – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”. Entretanto, as evidências estão tendo efeitos em toda a parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual (HALL, 2006, p.81).

Essa ideia de pureza e de manutenção do indígena como algo “intocado” vai permear as duas reportagens analisadas.

Indinho brinca de índio

Na reportagem *Indinho brinca de índio*, o repórter Carlos Azevedo e o fotógrafo Jorge Butsuen registram o cotidiano de alguns índios que viviam no Parque Nacional do Xingú. Das 13 páginas, seis são tomadas por fotos de página inteira que mostram crianças brincando, correndo, pescando com arco e flecha, assim como índios adultos correndo e nadando. Todos nus, sem indícios de contato com a civilização, com exceção da última foto, na qual o menino brinca com um aviãozinho. Pelas fotos, já se percebe que os indígenas são representados como bons selvagens, puros, felizes no paraíso.³ Aliás, a palavra paraíso é mencionada logo no primeiro parágrafo do texto. A reportagem toma o menino Piqui-Diauí como personagem central para descrever o

³ Atribui-se a Rousseau, o filósofo do bom selvagem, a ideia de que enquanto o homem vivia integrado à natureza, havia equilíbrio e pureza, e isso iria se modificar em um contexto dominado pela sociedade e pela civilização. Rousseau atribui ao estado natural do homem características positivas, sem competitividade ou ambição. (LEOPOLDI, 2002, p. 159)

cotidiano no Parque Nacional do Xingú, no extremo norte do Mato Grosso, onde vários rios se encontram para formar o Rio Xingú, a dois mil quilômetros dos grandes centros Rio-São Paulo. A revista descreve:

Neste parque de terras virgens vivem 600 índios remanescentes de nove povos que há muitos séculos conseguem viver em paz. O comércio entre eles permitiu a formação de uma cultura única, semelhante nas crenças, festas, danças, lutas, enfeites, cozinha e habitação. Só ficou a diferença das línguas que são originárias de três grandes ramos: tupi, aruaque e caribe. (REALIDADE, 1966a, p.37)

Figura 1: Indinho brinca de índio



Fonte: Realidade, 1966a

Além do dia de brincadeira e pesca do menino com seu melhor amigo Acanain, a reportagem conta um pouco sobre a família dele, abordando características culturais como o divórcio do padrasto, a questão da poligamia e a liberdade sexual entre os indígenas. Depois, os meninos visitam um jovem que estaria em reclusão para treinamento em lutas e conhecimentos tradicionais necessários para a formação de um líder. Aritanã, um jovem que teria vivido sete meses em São Paulo, na casa de uma irmã dos Villas-Bôas, e depois de ter se apaixonado por uma moça na cidade grande, voltou para a aldeia e agora sofre de saudade. A visita à cidade dos caraíbas⁴ deveria durar um mês, mas por causa de imprevistos acabou se prolongando. Quando Orlando Villas-Bôas finalmente veio buscar o jovem, ele já não queria mais voltar. Havia ganhado presentes: uma calça Lee, camisas, vitrola de pilha e discos. Além disso, havia se apaixonado. Ao sair de seu território, o jovem indígena vê-se em situação de diáspora. Em curto período na metrópole, encontra-se com dificuldades de se religar à comunidade de origem. Não se sente à vontade na terra dos caraíbas, mas também jamais voltará à visão anterior de sua aldeia. Como descreve Hall (2003, p.74), “trata-se

⁴ Como os indígenas do Xingú chamam os “brancos”.

de um processo de tradução cultural agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade”.

Os Villas-Bôas, relata a reportagem, costumavam levar os indígenas para conhecer a terra dos “brancos”, cuja cultura exercia uma forte atração especialmente junto aos jovens. Na foto em que o personagem Piqui brinca com um aviãozinho, por exemplo, a legenda aborda essa atração: “O aviãozinho de Piqui, a saudade de Aritanã: paraíso é pouco para os jovens índios”. Na reportagem, os irmãos Villas-Bôas são apresentados como “os irmãos que cuidam do Parque Nacional do Xingú, e há muitos anos defendem a região da invasão dos brancos” (REALIDADE, 1966a, p. 48).

Quadro 1 – Síntese Indinho brinca de índio

TÍTULOS e SUBTÍTULOS	LEGENDAS	MAPEAMENTO DO TEXTO
-Indinho brinca de índio		-Personagem principal: o menino índio Piqui. -Parque Nacional do Xingú como o paraíso. - A vida “natural” dos índios.
-Há um menino pescando nas águas do rio amigo -Primeiro pescar de flecha Os meninos devem brincar	1.Em posição de disparar Piqui procura o peixe. A qualquer momento a flecha silenciosa mergulhará nas águas calmas para ferir de morte 2.Esta é a verdade: ele só quer ser um menino de rosto sereno.	-Cultura indígena no dia a dia: a pintura do corpo, como medem o tempo, como pescam.
-Diauí. Você chegou? Eu cheguei. Então está bom. -O divórcio de Calucumã	1.Foto para álbum de família: Piqui, padrasto, mãe e irmãs. 2.A felicidade é saltar assim para um mergulho espetacular nas águas muito limpas do Tutari e desvendar todo recanto do rio tranquilo.	-A habilidade do menino pescando tucunaré. -Aspectos da organização familiar e vida em comunidade. -Divórcio “selvagem” do padrasto de Piqui: sua ex-mulher colocou fogo nele enquanto dormia na rede.
-Vamos correr lá no varjão e lutar o huca-huca -O amigo de Piqui	1.Piqui e seu amigo Acanain aproveitam a areia branca da beira do rio para brincar de lutar huca-huca, o esporte dos índios do Xingu. 2.A amizade é bela e simples para a pureza de Piqui e Acanain.	- O amigo que não fala a mesma língua. - As brincadeiras com o avião, correr e nadar. - Pedindo doces aos brancos que passam. - As histórias de quando o amigo foi para São Paulo.
-Agora é a vez de Aritanã ser o grande campeão -Aritanã filho do amor	1.Com 16 anos Aritanã já é mais forte que Canato, seu pai. Um dia ele o substituirá na chefia da tribo e também precisará ser sábio. 2.De vez em quando Aritanã sai da prisão para ajudar na pesca.	-A visita ao jovem Aritanã, preso em treinamento. -A história de amor dos pais de Aritanã e a poligamia, permitida, mas difícil: “não é qualquer homem que consegue produção de alimentos para sustentar três mulheres”.
-É na luta que se honra a memória dos antepassados -O futuro campeão Liberdade sexual	1.Ele é um bom filho. Só a sua grande tristeza preocupa Canato. 2.Na luta de huca-huca a força	- Admiração dos meninos sobre Aritanã. - O jovem já está prometido em casamento.

	de Aritanã quase sempre vence. Mas a sua ingenuidade o prejudica, ainda está longe de ser um campeão.	- Dos 14 aos 18 treinamento e sem relações sexuais nessa fase. - Relações sexuais fáceis em qualquer tempo, mesmo extraconjugais.
-Ele ainda tem muito que aprender	O aviãozinho de Piqui, a saudade de Aritanã: o paraíso é pouco para os jovens índios.	- O treino nas lutas no centro da praça. Os jovens com óleo de piqui no corpo “começaram a girar em roda, frente a frente, roncando como bichos”. - A viagem e a saudade de São Paulo e a paixão impossível que entristece Aritanã. - Filhotes de jacaré enviados de presente e a nostalgia ouvindo vitrola.

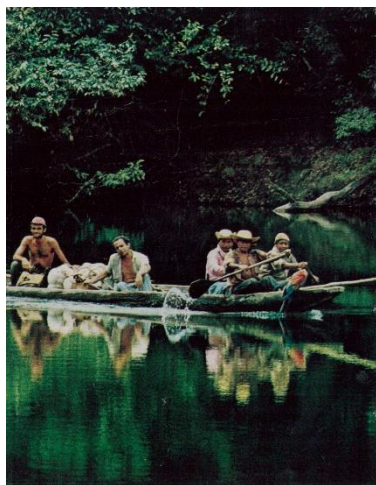
Fonte: Realidade, 1966a

Resgate de uma tribo

A reportagem *Resgate de uma tribo*, com 17 páginas, sendo três de publicidade, relata uma viagem da Operação Caiabi, que visava retirar índios Caiabi de uma região de conflito com seringueiros na Amazônia, a noroeste do Mato Grosso, percorrendo mais de 300 quilômetros a pé e de canoa. Editoria: aventura.

Um aspecto que chama a atenção se refere ao texto de abertura da reportagem, provavelmente escrito pelo editor, que apresenta os autores como heróis que enfrentaram uma viagem de 40 dias, expostos à malária, à fome e à sede, mas “apesar dos perigos, ambos sentem agora compensados por poder mostrar, nas páginas seguintes, este documento do *Resgate de uma tribo*.”

Figura 2 Resgate de uma tribo



Fonte: Realidade, 1966b

A narrativa fotográfica, composta por 27 fotos de Luigi Mamprin, também merece destaque. Depois das fotos da abertura, apresentando a equipe, seguem quatro

fotos de páginas inteiras, sendo duas de crianças, uma delas acompanhadas pela frase “Estas crianças estão salvas”. Uma outra mostra parte da equipe em uma canoa, sendo os indígenas de um lado e os jornalistas do outro. Em seguida, uma foto do avião e outras retratando momentos do acampamento com destaque para a caça de macacos e antas para comer e o ataque por abelhas. Também foram mostrados o trabalho duro com as canoas e a construção de jangadas, além do momento de assar a caça e dormir em redes. Outra foto explorada em três quartos de página é a de um velho com uma ave, que parece ser uma arara. Não há legenda, mas o texto no pé da página tem o título: “Agora índio velho vai ter que partir”. Duas páginas à frente, o texto identifica-o como a liderança indígena Temioni, o último *uriat* (de linhagem nobre) dos caiabis do rio Tatuin. Em outra página as imagens são de uma mulher indígena grávida fazendo bijú⁵ de mandioca e um homem com cicatrizes nas costas segurando um bebê. Em outra foto, um indígena leva no colo uma criança pela trilha na mata. A narrativa imagética vai mostrando cada momento da viagem: a saída de barco, os encontros, os indígenas olhando pela janela do avião e depois desembarcando. Ao final, a imagem é do sertanista “branco” Cláudio Villas-Bôas, com criança no colo e o título: “Aqui, o homem branco é um amigo”.

A reportagem tem um tom etnográfico, na medida em que os autores convivem com os indígenas e passam pelas dificuldades juntos. O fotógrafo vai registrando cada etapa da expedição, enquanto o texto é descritivo. Em certo momento Ipepori, o indígena guia, passa a ser o personagem central da narrativa. Ele serviria como mediador da transferência da terra original para a “terra onde os brancos não entram”.

É possível inferir algumas representações dos indígenas no decorrer do texto, como ingênuos. É o caso de um trecho em que o repórter conta sobre o caçador de peles Tabá: “Mostrou orgulhosamente os seis sabonetes Gessy, tamanho grande, que conseguiu dos seringueiros em troca de uma pele de jaguatirica. Em Cuiabá, a pele vale 150 mil cruzeiros” (REALIDADE, 1966, p.49). Em outro trecho, atribui ao índio guia Ipepori uma imagem caricata, ao afirmar que ele desejava exibir prosperidade na chegada à aldeia dos parentes: “Emocionado, Ipepori encostou sua zinga⁶ para colocar os óculos *ray-ban*, símbolo de sua prosperidade e que, ele sabia, ia impressionar os outros” (REALIDADE, 1966, p.47).

⁵ Adaptado, pois no texto original aparece como beijus. Várias palavras aparecem em português arcaico nas reportagens e, neste caso, optou-se pela atualização.

⁶ Vara com a qual empurravam as jangadas.

Em outros momentos, a narrativa chama a atenção pelo tom crítico e a profundidade de análise tomando posicionamento em defesa da preservação da cultura indígena intacta. Isso ocorre ao contar um pouco da história de um jovem caiabi de 17 anos que havia morado na cidade para estudar e se esquecido dos costumes tradicionais. Falava de futebol, de guerra fria e escrevia cartas de amor para uma índia pareci que havia conhecido em Diamantino. Diz o texto da reportagem:

Há 400 anos, apesar de sua indiscutível boa intenção, as missões religiosas repetem o mesmo erro na catequese dos índios brasileiros. Em Inavé havia sido destruída a consciência de ser índio. Em troca, ganhou nebulosas noções do nosso mundo. Noções que lhe permitiam manter a ilusão de pertencer à sociedade brasileira, mas que eram insuficientes para ele encontrar um lugar dentro dela. Ensinaram-no a ler e escrever. Terminado o curso tinha sido mandado de volta ao sertão mais distante. E ali ler e escrever não lhe serviam para nada. Fazia-lhe muita falta não saber atirar flecha, construir canoa e casa, conhecer plantas medicinais; fazia-lhe falta não saber dominar seu meio. Resultado: marginal para a sociedade brasileira, marginal para a sociedade indígena. (REALIDADE, 1966b, p. 51)

Em outro trecho, o texto critica o processo de destribalização que estava em marcha, contando sobre os jovens que haviam sido levados para estudar na cidade, das moças que tinham fugido com seringueiros e também dos homens que haviam se mudado com suas famílias para trabalhar na extração de borracha. Menciona um programa de fornecimento de alimentos do governo dos Estados Unidos, Alimentos para a paz, informando que naquele acampamento havia uma farmácia bem organizada e farta em vitaminas, porém isso não impedia que a comunidade estivesse magra e apática como qualquer outra não indígena no sertão, “sem a animação e o vigor do índio não-integrado. E, na verdade, a cada dia eles eram menos índios, acabocladados na forma de viver: há muito tempo não se realizava no posto do padre João uma festa caiabi”. (REALIDADE, 1966b, p.53)

Mais uma vez, transparece a ideia de que a civilização é a causadora de danos e o dilema da expulsão dos indígenas de seus territórios é retratado claramente:

As terras que margeiam o rio Tatuin e onde os caiabis vivem há muitos anos foram todas vendidas sem que o governo tivesse se preocupado em lhes deixar uma reserva. A tomada dessas terras ainda não se iniciou, mas a frente de ocupação tem-se aproximado rapidamente nos últimos tempos, e a previsão é de que a região esteja totalmente ocupada por camponeses e criadores de gado dentro de dez anos (REALIDADE, 1966b, p.53)

O dilema de isolar ou integrar os indígenas também aparece em vários pontos da reportagem. O repórter endossa Marechal Rondon, que teria dito ao final da vida: “a tendência atual é afastar o índio, quanto possível, do contato pernicioso dos brancos. Já não se compreende a ideia errada de que o índio deva ser incorporado à nossa civilização”. Segundo a reportagem, Rondon havia verificado durante sua vida que os índios “não se integram ao entrar em contato com a nossa sociedade, mas simplesmente desaparecem” (REALIDADE, 1966b, p.53).

Aproximando-se do final da narrativa, a reportagem passa a descrever o Parque do Xingú, uma área do tamanho do Estado de Sergipe, com toda a infraestrutura e apoio do governo, onde o homem branco é amigo e os indígenas recebem da civilização apenas os benefícios da técnica. Com dotação de verba federal, duas emissoras de rádio, trator, jipe, motores de popa, barcos, roupas, armas, munições e ferramentas, conforme a necessidade dos índios. E segue a idealização sobre a vida junto à natureza e a preservação das tradições intactas e puras:

Lá, os caiabis do Tatuin não iriam mais ter perfumes, mas teriam uma fartura que nunca conheceram. Nada saberiam de Pelé, mas voltariam a dançar e cantar suas velhas canções nas longas noites estreladas, perfeitamente integrados dentro da sociedade tribal. (REALIDADE, 1966b, p.54)

Porém, mesmo com todas essas vantagens aparentes, e tendo a negociação sido mediada por um indígena convencido de todas elas, a operação-caiabi descrita como “bela missão de boa vontade” não conseguiu convencer os indígenas a deixarem seu território de conflitos, doença e sofrimento, conforme retratado na reportagem, pelo paraíso. Apesar do grande esforço de atravessar 300 quilômetros de floresta virgem, somente 13 índios voltaram no avião da FAB.

Quadro 2- Síntese Resgate de uma tribo

TÍTULOS E SUBTÍTULOS	LEGENDAS	MAPEAMENTO DO TEXTO
-Resgate de uma tribo	NH	-Texto de abertura apresenta repórter e fotógrafo como heróis. -A missão: “cobertura de uma história de solidariedade humana, a salvação de um povo ameaçado de desaparecimento – os índios Caiabi”. -Região da Amazônia, a noroeste do Mato Grosso, onde percorreram mais de 300 quilômetros a pé e de canoa.
	Título-legenda: Estas crianças estão salvas	
-Começa a dura operação-	Quando os alimentos lançados	-Ipepori, chefe dos Caiabis que

Caiabi	pela FAB acabaram, os homens comeram mel e carne de macaco, sempre atacados por milhares de abelhas.	já vivem no Xingu, se despede da família. Será o guia e convencerá os parentes a se mudarem para o Parque. - Viaja quieto e preocupado, tem medo de avião. - Cláudio e Orlando dirigem o Parque e há 15 anos tentam remover os caiabis do Rio Tatuin. - Índios pediam o resgate. - Orlando conseguiu apoio da FAB. - Paraquedistas vão antes para reabrir antiga pista de pouso.
-É nos rios que se vence a floresta	1-Rio acima ninguém ajuda e as pedras atrapalham, mas nada conseguiu segurar os índios: fizeram jangadas com troncos amarrados por cipó. 2-E não esqueceram a comida: na hora do descanso, no acampamento, churrasco de anta.	- Expedição com 21 homens, sendo 7 indígenas e 11 paraquedistas. -A dura caminhada na floresta fechada.
-Agora índio velho vai ter que partir	É duro começar vida nova, mas Temioni estava cansado de sofrer. Moreirum preparou beijos para a viagem. Na pele de Tabá marcas de blastomicose. Embaixo é Peim, que chora: sua mãe morreu há sete dias.	- Sofrimento dos brancos na caminhada. - Velho índio recomenda paciência a Caraíba. - Índios trabalham duro caçando, guiando, carregando tudo e construindo jangadas. -Naufrágio de jangada grande. - Construção de seis jangadas pequenas. - Dificuldades e belezas no trajeto. - Sucuri aparece e matam anta de mais de 200 quilos.
-Eles tem pressa de chegar ao parque	Cupeap leva Peim para uma vida melhor; Iput rema. Temioni e Moí: adeus à humilhação.	-Chegada a uma roça abandonada e uma enseada. -Ipepori pega seu <i>rayban</i> , símbolo de status. - Cláudio Villas-Bôas faz contato com índios locais. - Conhecem Temioni, um índio de 70 anos, o último uriat (nobre) da região. - Temioni conta em sua língua caso de tortura e estupro por seringueiro. Caiabis da expedição traduzem.
-Promessa de liberdade faz índio dançar	O avião tinha sido tão esperado: o paraquedista Guaranis e o índio Ipó estão felizes.	-Ipepori conversa com Temioni para convencê-lo a ir para o Xingu. -Repórter narra processo de “decomposição da tribo”. - Problemas de saúde e falta de comida. - Danças e festejos com a

		<p>notícia das novas terras.</p> <p>-Descem o rio em busca de outra aldeia e encontram antiga feitoria de seringueiros deserta.</p> <p>-Depois de dois dias remando ancoram para se abrigar da chuva.</p> <p>- Inavé fala de sua vida em Diamantino.</p>
-O longo caminho até a terra prometida	Dentro do avião, Ipepori sorri, enquanto Puiacá admira a beleza do rio Xingu. Agora ele está pago pela vida gasta em libertar seu povo.	<p>-Inavé fala de futebol, dos russos e de suas cartas de amor.</p> <p>-Crítica à destruição da cultura indígena pelas missões religiosas.</p> <p>-Encontram e passam a noite em outra fazenda abandonada.</p> <p>-Chegam a aldeia no 13º recebidos por estudante de antropologia austríaco, Grünberg.</p>
-No Xingu o solo é fértil e só deles	A chegada ao Posto Diaurum foi simples: as grandes alegrias não tem sorrisos.	<p>-Aldeia com 50 pessoas é “cuidada” por Padre João.</p> <p>-Grünberg conta sobre conflitos com seringueiro e processo de destribalização.</p> <p>-Dilema das terras vendidas sem deixar reserva aos indígenas.</p> <p>-Padre João e Marechal Rondon: integrar ou isolar os indígenas?</p> <p>-Iput um dos caiabis da expedição tenta convencer os locais a ir para o Xingu.</p> <p>-Elogios ao paraíso.</p>
-Aqui, o homem branco é um amigo	A dura viagem acabou: agora Cláudio Villas-Bôas tem mais crianças a quem dar seu amor.	<p>-Promessa de felicidade.</p> <p>- Só três índios aceitam o convite de Iput.</p> <p>-Começa viagem de volta subindo o rio.</p> <p>-Chegam no 20º dia à aldeia de cima e iniciam o retorno dividindo o grupo. Ficaram para trás os que carregavam as mudanças e as crianças.</p> <p>- Mais fome e doenças até chegar ao campo de pouso.</p> <p>- Somente 13 foram para o Xingu na volta da expedição e outros 18 seguiriam em um próximo vôo.</p>

Fonte: Realidade, 1966b

Vozes e sentidos

A recomposição do acontecimento seria o primeiro passo para a análise da narrativa. Consideramos as duas reportagens como uma só narrativa, que se desdobra

em dois momentos: a apresentação do Parque Nacional do Xingu como o paraíso e a saga pela retirada dos índios de áreas de conflito para trazê-los ao Parque. Como segunda etapa, buscamos identificar o conflito central: o que fazer com os povos indígenas? Integrá-los à civilização ou mantê-los no maior isolamento possível?

O terceiro passo, que se refere à construção dos personagens, é o que mais nos interessa no recorte deste trabalho. Além dos índios, aparecem na narrativa os irmãos Villas Boas, os próprios jornalistas, o governo, os representantes de Ongs, missões e pesquisadores. Porém, focamos na representação do indígena. Desde a figura de Piqui-Diauí, o menino índio, Aritanã, o jovem guerreiro, Ipepori, o chefe, pajé e guia da Operação Caiabi, até o velho Temioni e o jovem Inavé, que nem índio parece, as representações não se afastam muito dos estereótipos do bom selvagem, guerreiro, ingênuo, tutelado. Os personagens, em geral, parecem deslumbrados com a civilização e, no caso da segunda reportagem, estão a serviço do projeto não-índio de realocá-los para o Xingu, convencendo os demais e fazendo o trabalho mais pesado. Nas conversas com os indígenas não lhes é perguntado sobre o que pensam sobre a mudança. Fica óbvio que os que participam da expedição estão convencidos dos benefícios da realocação. Em apenas um ponto, o texto menciona a seriedade e quietude do guia Ipepori no avião, mas atribui a preocupação ao medo de voar e não à situação em que ele se encontra: a de articulador da transferência de seu povo do território de origem para o Parque. Em outro momento, numa legenda, o editor arrisca-se a inferir sentimentos aos que chegam ao parque, ao notar que não sorriem: “as grandes alegrias não têm nem sorrisos”. Será mesmo uma grande alegria deixar seu território para se instalar no Xingu?

O quarto passo seria identificar as estratégias comunicativas. Neste caso, observam-se diferentes abordagens nas duas reportagens: na primeira, busca-se apresentar o cotidiano numa tribo. As fotos acompanham em ordem cronológica os afazeres do personagem central (o menino) e depois passam a acompanhar o jovem em treinamento para cacique. É possível notar um efeito poético na retratação da condição pura e feliz em que vivem os bons selvagens em meio à natureza. Já no caso da segunda reportagem, a palavra aventura, no topo da página, já indica que a intenção é mostrar expedição heroica dos jornalistas ao “salvar” os caiabis.

Com essas estratégias, a revista firma um contrato com o leitor: mostrar a realidade longínqua dos índios, tanto no Xingu como no interior da floresta. Um convite

à aventura e ao mundo exótico dos povos primitivos. Há como pano de fundo uma metanarrativa, reforçada especialmente pela edição das reportagens: o Xingú seria uma terra prometida para os indígenas, onde estariam protegidos e à salvo, podendo preservar sua pureza e tradições: o paraíso. Essa fábula responde perfeitamente ao projeto do governo militar, que seria o de restringir os povos indígenas em áreas limitadas, onde não atrapalhassem o desenvolvimento de outras regiões consideradas estratégicas para a geração de riquezas (CARELLI, CARVALHO, ALMEIDA, 2016).

Considerações finais

Em um olhar sobre o passado, há sempre o risco de cometer injustiças, na dureza da crítica, ao nos guiarmos por parâmetros atuais e até mesmo por sabermos sobre os desdobramentos históricos que se deram a partir daquele momento. A análise da narrativa da revista Realidade, refletindo sobre a representação dos indígenas, feita 52 anos depois, foi um processo nostálgico sobre um jornalismo à moda antiga, cada vez mais raro, em que repórteres e fotógrafos se debruçam muitos dias sobre uma história e a contam com o próprio corpo. No caso, o corpo coberto por abelhas e que teve até malária, que empurrou jangadas e dormiu na floresta. Vistos de hoje, do conforto da sala e diante do computador, são mesmo heróis.

É certo que as reportagens utilizam estereótipos do indígena como bons selvagens puros e ingênuos e que o processo de edição constrói uma narrativa, em primeiro plano, que é favorável à realocação de comunidades indígenas para o Parque Nacional do Xingú, vendendo a ideia do “paraíso”. Apresenta também em vários trechos visões questionáveis hoje: a de que é necessário isolar os indígenas ao máximo da convivência com a civilização e que de nada serve para eles aprenderem a ler e a escrever. No entanto, é importante destacar que os textos das duas reportagens exploram os dilemas e dramas vividos pelos personagens frente à convivência com os não indígenas e a resistência pelo território. Em plena ditadura militar, critica o governo pela forma como tratou a questão das terras. A narrativa em primeiro plano apresentada pela edição seria uma estratégia para contar no texto da reportagem um pouco da realidade de miséria dos povos indígenas naquele momento.

Em 2007, no livro *Cicatriz de Reportagem*, o jornalista Carlos Azevedo comenta os bastidores da produção de 13 reportagens que marcaram sua trajetória profissional, incluindo as duas analisadas aqui. Não chega a comentar o processo de edição, mas

deixa claro o antagonismo com os militares que participaram da expedição Caiabi durante a produção de Resgate de uma tribo, sobre a qual desabafa: “este é um daqueles casos em que a melhor reportagem foi a que não chegou a ser escrita. Ficou entalada na garganta por quarenta anos” (2007, p.145).

Referências

- ALMANAQUE SOCIOAMBIENTAL **Parque Indígena do Xingu** : 50 anos / Instituto Socioambiental (ISA) . São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.
- AZEVEDO, C.. **Cicatriz de Reportagem**: 13 histórias que fizeram um repórter. São Paulo: Editora Papagaio, 2007.
- BENETTI, M.. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. (in) LAGO, C.; BENETTI, M.. (orgs) **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CARELLI, V.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, T.. Martírio. Documentário sobre a luta dos Guarani Kaiowa pela demarcação de suas terra no Centro-Oeste do Brasil. 2016. Disponível em <https://youtu.be/BUhburoaPeA> Acesso em 19/04/18.
- CUNHA, M.C.. **Cultura com aspas** – e outros ensaios. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2009.
- FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Ed. Da ULBRA / AGE, 1999.
- HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S.. **Da diáspora** – Identidades e mediações culturais. Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2003.
- IBGE. Censo Demográfico de 2010. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em 02 de abril de 2018.
- LEOPOLDI, J.S.. Rousseau - estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas **Alceu**: Revista do Departamento de Comunicação Social da PUCRJ, Rio de Janeiro, v.2 , n.4 , p. 158-172, 2002.
- MARÃO, J. C.. Vida, paixão e morte de Nossa Senhora Realidade. In: RIBEIRO, J. H.; MARÃO, J.C.. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. p. 21-37.
- MONCAU, J.. **Repensando o ser índio com os Guarani e Kaiowá hoje**. Laboratório Didático: USP ensina Sociologia, 2012. Disponível em http://www.ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/Joana_Atividades.pdf Acesso em 23/02/2018.
- MOTTA, L.G.. Análise pragmática da narrativa jornalística. (in) LAGO, C.; BENETTI, M.. (orgs) **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, J.C.. A Revista Realidade: textos e contextos. **Cadernos de Comunicação**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),v. 15, n. 2, Jul-Dez, 2011.
- ORLANDI, E.. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, Ano 14, n.61, jan./mar. 1994.
- VIEIRA, L.A.; LEITE, M.E.. A experiência da reportagem na revista Realidade. Revista **Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 8, Edição 2, Julho-Dezembro de 2014.
- REALIDADE. **Indinho brinca de índio**. Nº 5, p. 36-48, agosto de 1966a.
- REALIDADE. **Resgate de uma tribo**. Nº 9, p. 37-54, dezembro de 1966b.
- RIBEIRO, A.. Villas Boas: os heróis do Xingú. **Revista Época**. 04/04/2012. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/noticia/2012/03/villas-boas-os-herois-do-xingu.html> Acesso em 15/05/2018.
- SILVA, M.O.. A notícia como narrativa e discurso. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 4, nº 1, 2007.

